

“EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE”: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE O GRUPO DE ESTUDOS DO COLETIVO PRETO BEATRIZ NASCIMENTO

**MILENE DO NASCIMENTO PEREIRA¹; RICHARD FARIAS SOARES²; JOSY
DIAS ANACLETO³**

¹*Universidade Federal de Pelotas – millene348nascimento@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – richardfariascp@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – josy.anacleto@ufpel.edu.br*

1. INTRODUÇÃO

O Coletivo Preto Beatriz Nascimento, fundado em setembro de 2023 por estudantes dos cursos de História e Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), constitui-se como um coletivo autônomo, organizado e autogerido por seus integrantes. Sua fundação se deu a partir da inquietude dos estudantes com o racismo institucional presente no espaço acadêmico. O racismo institucional se manifesta quando instituições produzem, ainda que de forma indireta, desigualdades raciais que afetam negativamente a vida de pessoas negras (Almeida, 2019). Tal realidade se expressa na UFPel, onde a ausência de professores negros em determinados cursos — como no caso da História — e a escassa abordagem das relações étnico-raciais nos currículos contribuem para a reprodução do sentimento de não pertencimento, dificultando a permanência estudantil.

Nesse contexto, os estudantes se organizaram coletivamente não apenas para criar um espaço de acolhimento, mas também para reivindicar que os cursos incorporem a discussão racial em suas práticas formativas. Gomes (2017) destaca que os coletivos negros nas universidades representam uma pedagogia da presença negra, pois tensionam o currículo e os espaços institucionais, abrindo brechas para novos saberes e epistemologias. Assim, o Coletivo busca tanto fortalecer a identidade de seus membros quanto disputar a narrativa acadêmica, valorizando epistemologias negras historicamente marginalizadas.

O grupo realiza reuniões quinzenais, nas quais promove a leitura coletiva de intelectuais como Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento, bell hooks e Nilma Lino Gomes¹, com o intuito de criar um espaço de partilha de vivências, anseios e saberes. Trata-se, portanto, de um espaço de acolhimento e afirmação identitária, na qual, a experiência subjetiva e coletiva dos estudantes negros é reconhecida como conhecimento legítimo. É no reconhecimento da nossa própria história e cultura que encontramos as bases de nossa liberação.

Ao longo de suas atividades, o Coletivo passou a ser procurado por estudantes de outros cursos e até por pessoas externas à universidade, o que evidenciou a necessidade de ampliar seu campo de atuação. Esse movimento reforça a compreensão de que o letramento racial é um processo formativo e contínuo que desenvolve a capacidade de reconhecer e confrontar práticas racistas na vida cotidiana, configurando-se como uma ação política e pedagógica de

¹ Neste trabalho, o texto de Nilma Lino Gomes sobre *O Movimento Negro Educador* orienta a reflexão aqui desenvolvida, permitindo compreender o coletivo como um movimento negro universitário — uma vertente dos movimentos negros presentes no meio social, a exemplo do Movimento Negro Unificado.

desconstrução de opressões naturalizadas (UFPA, 2023), favorecendo na construção de uma postura crítica na luta antirracista, evidenciando uma urgência social mais ampla, que extrapola os limites institucionais. Diante disso, em 2025 o Coletivo iniciou a organização de um grupo de estudos mensal aberto à comunidade acadêmica e externa, com o objetivo de promover reflexões críticas sobre questões raciais e contribuir para a construção dos saberes voltados para questões étnico raciais.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho insere-se no campo do relato de experiência (Gil, 2008), entendida como uma forma de produção de conhecimento que valoriza os processos vividos pelos sujeitos envolvidos. Essa perspectiva metodológica busca evidenciar como a trajetória do Coletivo Preto Beatriz Nascimento se constitui a partir da vivência concreta de seus integrantes, ressignificando o espaço acadêmico por meio da ação coletiva. Nesse sentido, o relato não se limita à descrição de atividades, mas procura destacar a dimensão formativa e política que emerge da organização estudantil.

[...] uma coletividade onde se elaboram identidades e se organizam práticas através das quais se defendem interesses, expressam-se vontades e constituem-se identidades, marcados por interações, processos de reconhecimento recíprocos, com uma composição mutável e intercambiável. Enquanto sujeito político, esse movimento produz discursos, reordena enunciados, nomeia aspirações difusas ou articula, possibilitando aos indivíduos que dele fazem parte reconhecerem-se nesses novos significados. Abre-se espaço para interpretações antagônicas, nomeação de conflitos, mudança no sentido das palavras e das práticas, instaurando novos significados e novas ações (Gomes, 2017, p. 42).

Assim, ao adotar o relato de experiência como metodologia, este trabalho assume que a prática cotidiana do Coletivo é, em si mesma, uma fonte legítima de saber. Trata-se de um exercício de reflexão crítica sobre os caminhos percorridos, os desafios enfrentados para afirmar epistemologias negras no espaço acadêmico e construir estratégias para tensionar o racismo institucional. Essa abordagem permite compreender a atuação do Coletivo não apenas como um conjunto de ações pontuais, mas como um processo orgânico, em movimento, no qual a resistência por meio da fortificação identitária, se torna a categoria central para analisar sua relevância social e política.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O primeiro grupo de estudos promovido pelo Coletivo ocorreu em uma data significativa, 17 de julho de 2025, aniversário da historiadora Beatriz Nascimento. O evento foi cuidadosamente idealizado pelos integrantes do coletivo em reuniões prévias, nas quais se definiram a data, o horário, o local e os materiais necessários para a atividade. Para a divulgação, utilizamos a rede social Instagram, por meio de um post no perfil do Coletivo², buscando ampliar o alcance da ação e garantir a presença do maior número possível de participantes.

Nesse dia, às 16h, no auditório 309 do Campus II, inauguramos o primeiro grupo de estudos com a exibição do documentário Orí, produzido por Beatriz

² Perfil @coletivopretobeatriznascimento.

Nascimento e dirigido por Raquel Gerber, lançado em 1989. O filme, reconhecido como um marco na produção audiovisual negra no Brasil, apresenta uma narrativa que entrelaça a trajetória individual da historiadora com a luta coletiva do movimento negro. Orí dá centralidade ao protagonismo negro na história brasileira, contrapondo-se às versões hegemônicas da historiografia nacional. Sobre esse aspecto, Nascimento (1989) afirma no filme que o movimento negro brasileiro nasce da necessidade de reagir a uma estrutura social racista, mas também da consciência de que a história oficial nunca nos contemplou. É preciso escrevermos nossa própria história, com nossos próprios símbolos, nossas próprias referências. É o orí, a cabeça, que guia o corpo, e sem essa consciência não há possibilidade de liberdade.

Após a exibição, realizamos uma roda de conversa que possibilitou a cada participante compartilhar suas impressões sobre o documentário. O objetivo não era apenas refletir em termos acadêmicos, mas abrir um espaço de fala que valorizasse as vivências e percepções individuais sobre o racismo cotidiano, criando uma dinâmica de escuta e diálogo coletivo. Essa ação se insere na perspectiva defendida por hooks (2017), que afirma que o conhecimento como prática da liberdade só é possível quando há a partilha de saberes. Por meio desta, o conhecimento se expande, e se funda a educação engajada.

A discussão permitiu refletir sobre como o racismo atravessa diferentes esferas sociais e como sua permanência está ligada a um projeto ideológico que busca, historicamente, deslegitimar identidades negras. Tal reflexão dialoga com Gomes (2017), quando pontua que movimento negro educador é aquele que tensiona e desloca o olhar da educação tradicional, chamando atenção para o racismo que estrutura a sociedade e para a urgência de novas pedagogias que deem centralidade às experiências e saberes da população negra.

Ao fim da roda de conversa, propusemos uma prática interativa e coletiva, na qual cada participante escreveu uma palavra ou frase descrevendo seu sentimento em relação ao evento. A escrita foi livre, permitindo que os estudantes expressassem suas reflexões. Esse gesto simbólico, marcou o encerramento do encontro, reafirmando a importância de espaços coletivos de diálogo na continuidade das lutas do movimento negro que se expande dentro da universidade, por meio desses coletivos.



Primeiro grupo de estudos promovido pelo Coletivo Preto Beatriz Nascimento - 17.07.2025

4. CONSIDERAÇÕES

O Coletivo Preto Beatriz Nascimento age em consonância com o movimento negro educador, conceito abordado por Nilma Lino Gomes (2017). Para a autora,

o movimento negro sempre desempenhou papel central na construção de práticas pedagógicas emancipatórias e na formação de uma consciência crítica sobre o racismo estrutural. Vinculada a essa noção, também se destacam as reflexões de Beatriz Nascimento (2022) acerca do protagonismo do povo negro e de suas formas de resistência histórica. Antes mesmo da institucionalização das políticas de ações afirmativas, já havia sujeitos e coletivos que pautavam a autonomia negra na sociedade; foram essas trajetórias que, em grande medida, possibilitaram os avanços que hoje usufruímos em termos de políticas públicas equânimes.

A resistência, a identidade e os saberes negros, historicamente subestimados, ainda precisam ser constantemente reafirmados diante de um epistemicídio persistente, sustentado pelo racismo estrutural, que não se desfaz apenas por medidas legislativas, considerando que segue uma vertente ideológica. Nesse cenário, o Coletivo Preto Beatriz Nascimento se constitui como espaço de desconstrução, assumindo o letramento racial como ferramenta de transformação. Embora reconheça não poder extinguir o racismo, sua existência enquanto grupo de estudos e espaço de mobilização, evidencia a necessidade de iniciativas concretas que promovam mudança por meio do conhecimento. A abertura de atividades para a comunidade interna e externa reforça a centralidade do debate coletivo, pois o enfrentamento ao racismo deve ser compromisso de toda a sociedade. Como perspectiva de continuidade, o Coletivo projeta a realização de encontros mensais, com abordagens diversificadas — de textos acadêmicos a expressões culturais negras, como musicalidade, poemas, filmes e séries —, reafirmando a educação como prática da liberdade e a potência da coletividade na construção do letramento racial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, Coleção Feminismos Plurais / Djamilla Ribeiro (coordenação). 2018. 203 p.
- GERBER, Raquel (diretora). *Orí*. São Paulo: Angra Filmes, 1989.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: Saberes Construídos nas Lutas por Emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 160 p.
- hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação Como Prática da Liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2^a ed., 2017. 283 p.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz [1942-95]. **O Negro Visto Por Ele Mesmo** / Maria Beatriz Nascimento. Organizado por Alex Ratts. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 240 p.
- Universidade Federal do Pará. **Projeto letramento racial: como forma de combate ao racismo** / UFP, Instituto de Ciências Jurídicas, Projeto Letramento Racial. - Belém: ICJ/UFP, 2023. Disponível em:
https://www2.mppa.mp.br/data/files/9A/07/9A/60/1DBFB810F7967688180808FF/CARTILHA_ANTIRRACISTA.pdf. Acesso em: 28.08.2025.